

GÊNERO, ARTE E RELAÇÕES ETNICORRACIAIS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 11.645 NO ENSINO SUPERIOR

Juliana O. G. dos Santos / PPGA – Universidade Estadual Paulista
Mirella dos Santos Maria / Universidade Estadual Paulista

RESUMO

O estudo presente neste artigo pretende fomentar reflexões acerca da formação de artistas, arte/educadores e professores de artes visuais e os conteúdos das leis 10.639/03 e 11.645/08. Somados a demanda da implementação da lei no ensino superior de artes visuais, pretende-se abranger questões que perpassem as condições de gênero na arte.

PALAVRAS-CHAVE

ensino de artes visuais; feminismo negro; implementação da lei; relações etnico-raciais.

ABSTRACT

This study in this article aims to promote reflections on the formation of artists, art / educators and visual arts teachers and the contents of the law 10.639 / 03 and 11.645 / 08 . Added to demand the implementation of the law on higher education visual arts, is intended to cover issues that cut across gender conditions in art.

KEY-WORDS

visual arts teaching; black feminism; implementation of the law; etnicorraciais relations.

Este texto surge da urgência de discussões referentes aos conteúdos da lei 11.645/08 no ensino superior de artes visuais e conseqüentemente de reflexões críticas a respeito dos lugares de representação do negro, e no caso deste estudo, da condição da mulher negra nas artes visuais brasileira. Boa parte das questões que serão apontadas aqui surgiu das experiências das autoras como mulheres, negras, artistas e educadoras. Reflexões estas que emergiram durante todo o processo de formação, tanto na busca de referências, quanto pelo entendimento de seus papéis sociais em um curso de artes visuais, no qual prevalece valores estéticos e políticos com referenciais hegemônicos de classe, raça e gênero. Ambas atuam como arte/educadoras no Museu Afro Brasil¹, onde realizam encontros de formação de professores focados nos conteúdos da arte afro-brasileira e africana. O recorte definido pelas pesquisadoras é partir das matrizes africanas, não tendo ainda devido embasamento referente as matrizes indígenas. Pontuamos a necessidade de questionar as reais condições com que arte/educadores, professores e artistas em sua poética, terão para se relacionar com a arte, cultura e história afro-brasileira e africana.

A estrutura da sociedade brasileira perpassa por uma construção colonial, em que ao longo da história elaborou uma série de medidas e políticas no sentido a desvalorizar, deslegitimar e até mesmo negar a atuação de populações negras e indígenas como protagonistas de suas histórias, artes e memórias. Tal processo é evidente em diversas esferas, desde os meios de comunicação de massa até a baixa representatividade de artistas (homens e mulheres negros) em galerias, museus e outros espaços artísticos e culturais. Durante todo o processo escravocrata a população negra sempre se articulou e resistiu de diversas maneiras à condição de escravizados.²

Somente no século XX e início do século XXI, por meio de ações políticas de movimentos sociais, enfatizamos aqui o Movimento Negro, em que políticas reparatórias e ações afirmativas começam a ser colocadas em prática como medida institucional. Pensar na história de luta e resistência deste movimento é compreender, sobretudo, que grande parte da luta foi, e ainda é em relação ao acesso da população negra a educação no Brasil como pontua a Petronilha:

Dentre as bandeiras de luta, destaca-se o direito à educação. Esta esteve sempre presente na agenda desses movimentos, embora concebida com significados diferentes: “ora vista como estratégia ca-

paz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social e, por conseguinte, de integração; ora como instrumento de conscientização por meio da qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano. (GONÇALVES, 2000, p. 337)

Tal articulação tem possibilitado uma série de políticas de ações afirmativas, desde cotas nas universidades públicas até a elaboração de editais na área da arte e da cultura voltados a conteúdos que fomentem o acesso às populações negras, indígenas a recursos, equipamentos culturais e formação ampla. Em conjunto a uma série de ações e conquistas deste e de outros movimentos sociais que representam a luta das populações negra e indígenas enfatizamos a implementação das leis 10.639/03 e sua alteração para a 11.645/08, a qual inclui as questões da população indígena. No entanto reiteramos que iremos nos deter a população negra e afrodescendente por não termos ainda vivência e embasamento para aprofundar sobre artes e culturas das diversas populações indígenas brasileiras.

A Lei nas artes

O documento de lei³ presente no “Art. 26-A obriga que *“os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras”*. Tal artigo como apresentado acima deixa evidente a responsabilidade das áreas de artes em desenvolver conteúdos acerca da produção artística e cultural africana e afro-brasileira, todavia percebemos a partir de relatos de professores e alunos que os conteúdos referentes a lei ainda não chegam de maneira efetiva nas suas formações. A arte que nos é ensinada nos forma com referências, discursos identitários e ideológicos. A presença desta lei, que impacta diretamente no ensino de artes, e neste caso de artes visuais, resulta em novas demandas em diversos âmbitos do campo artístico, historiográfico, curatorial e educacional.

A cultura material, a produção artística e visual de uma sociedade faz parte da maneira como esta se inscreve na história da humanidade e, portanto se faz necessário questionar, os lugares designados à população negra e as mulheres nas artes,⁴ para tanto a arte/educação possibilita ferramentas para repensar a história, o ensino e o

sistema de arte de maneira crítica e reflexiva. Negar o protagonismo das populações negras como produtores e intelectuais nas artes visuais é um processo violento, pois implica numa relação de poder. Ter acesso aos materiais de artes visuais, a formação acadêmica e todos os seus códigos e circuitos requer uma série de recursos monetários, simbólicos e identitários que privilegiam determinadas classes da sociedade. No entanto, mesmo com todas estas pré-determinações para se produzir uma arte acadêmica, ao longo de nossa história homens e mulheres negras produziram arte dentro e fora da academia.

Se a lei determina que o ensino de artes têm que abordar tais conteúdos, podemos enfatizar que as artes negras e/ou arte afro-brasileira terão de ser desenvolvidas pelas escolas de ensino básico, médio e no ensino superior. Daí a urgência de enfatizar a importância da formação de professores, arte/educadores e artistas considerando estes conteúdos.

Tendo em vista a importância dos contatos, estudos e reflexões sobre a importância de povos indígenas e/ou ameríndios e povos africanos no nosso contexto, é necessário fazer a lei, já implementada, ser realizada, a partir da desconstrução de uma história oficial que reproduz discursos hegemônicos na formação docente.

Para tanto, trazemos um excerto do *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana*⁵, o qual pontua a responsabilidade das instituições de ensino superior:

- a) Incluir conteúdos e disciplinas curriculares relacionados à Educação para as Relações Etnicorraciais nos cursos de graduação do Ensino Superior, conforme expresso no §1º do art. 1º, da Resolução CNE /CP n. 01/2004; 43
- b) Desenvolver atividades acadêmicas, encontros, jornadas e seminários de promoção das relações etnicorraciais positivas para seus estudantes.
- c) Dedicar especial atenção aos cursos de licenciatura e formação de professores, garantindo formação adequada aos professores sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e os conteúdos propostos na Lei 11645/2008;
- d) Desenvolver nos estudantes de seus cursos de licenciatura e formação de professores as habilidades e atitudes que os permitam

contribuir para a educação das relações etnicorraciais com destaque para a capacitação dos mesmos na produção e análise crítica do livro, materiais didáticos e paradidáticos que estejam em consonância com as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas e com a temática da Lei 11645/08;

e) Fomentar pesquisas, desenvolvimento e inovações tecnológicas na temática das relações etnicorraciais, contribuindo com a construção de uma escola plural e republicana;

f) Estimular e contribuir para a criação e a divulgação de bolsas de iniciação científica na temática da Educação para as Relações Etnicorraciais;

g) Divulgar junto às secretarias estaduais e municipais de educação a existência de programas institucionais que possam contribuir com a disseminação e pesquisa da temática em associação com a educação básica.

A partir dos tópicos apresentados acima podemos observar o quanto a urgente o atendimento das demandas para o ensino de arte que considere as questões étnicorraciais.

Na busca em aprofundar a relação dos estudos de arte afro-brasileira no ensino Superior, a pesquisadora Regina M. Lintz Funari, em 2001, antes da implementação da Lei 10.639/03, já denunciava tal problemática em sua dissertação denominada “*Valorização Da Cultura Negro-Africana No Ensino De Arte: Análise de currículo das Faculdades de Arte no Brasil em busca das raízes culturais africanas.*” A autora em sua pesquisa faz um levantamento sobre os cursos de artes visuais e as abordagens referentes à arte afro-brasileira e africana e chega a números irrisórios, constatando que, grande parte dos currículos das universidades pesquisadas, em diversos estados, não considerava a produção artística e cultural da população negra. A partir dos apontamentos de Funari, percebemos que ainda hoje, grande parte dos cursos artes plásticas e visuais ainda reproduzem valores hegemônicos de uma arte eurocêntrica pretensa universal, como aponta Ana Mae:

[...] Somente uma educação que fortalece a diversidade cultural pode ser entendida como democrática. Procurar igualdade sem considerar as diferenças é obter uma pasteurização homogeneizante. Isso está acontecendo hoje na arte e na arte-educação no Brasil. Os códigos europeus e o código branco norte-americano são os únicos válidos. Instituições, historiadores da arte, curadores e artistas em geral não têm a preocupação com o pluralismo cultural, a multiculturalidade, o

interculturalismo etc. Quando a têm, é em nome do folclore, e folclore já é uma designação colonialista”. (BARBOSA, 1998, p. 80)

Arte/educação no Museu Afro Brasil

A prática educativa realizada no Museu Afro Brasil é composta por: visitas mediadas, oficinas criativas, encontros com artistas e de formação de professores e educadores. O Núcleo de Educação aborda a produção artística, cultural, intelectual, tecnológica, política, histórica, religiosa e social afro-brasileira e africana de maneira a ampliar o repertório e desconstruir uma série de perspectivas reducionistas e racistas acerca da população negra na formação do Brasil. Tais temas e abordagens estão diretamente relacionados à lei 10.639/03, principalmente no acervo de longa duração.

Vamos nos deter nas atividades voltadas a formação de professores de artes, que tem um carácter de complementação curricular⁶, visto que, a maior parte deles afirma a ausência de tal abordagem durante a licenciatura. Nos encontros compostos por visitas, oficinas e debates utilizamos abordagens de leitura de imagem, aproximação de técnicas artísticas, leituras de textos presentes no acervo e contextualização histórica e social⁷. Nas ações de mediação ao serem perguntados sobre quais são as suas referências de artistas plásticos e visuais, a resposta é majoritariamente de nomes de artistas homens e europeus. Quando abordamos sobre arte brasileira são mencionados apenas artistas brancos, e quando questionados sobre mulheres nas artes visuais, Tarsila do Amaral é a mais referenciada.

A cada encontro com professores de artes diferentes, de escolas e realidades distintas percebemos a mesma recorrência: a maioria não reconhecem artistas, negros e negras, como sujeitos protagonistas da construção artística e cultural da sociedade brasileira. Valores estereotipados e homogêneos que não consideram a diversidade étnico-racial e cultural que são reproduzidos em várias instâncias e instituições. Ana Mae já nos alertava em 1998 sobre o perigo da homogeneização na arte/educação que é fundamental para entendermos a urgência do entendimento da diversidade cultural, esta negligenciada pelos conteúdos escolhidos na educação formal, não-formal e informal.

Os professores de artes nos procuram alegando dificuldade de abordar a arte afro-brasileira em sala de aula argumentando que tal dificuldade surge da falta de acesso

aos conteúdos e referências bibliográficas, exposições, materiais didáticos e cursos complementares focados na temática, afirmando ser o Museu Afro Brasil uma das poucas instituições que garantem o acesso ao tema. Todavia enfatizamos que somente o museu não dará conta de suprir todas as especificidades e demandas acerca destas defasagens curriculares. Faz-se necessário chamar a responsabilidade a todas as instituições envolvidas no processo de formação educacional e cultural. Entendemos o museu como um espaço de construção de memória, identidade e discursos que possibilitam vivências e experiências de modo a complementar e reelaborar saberes.

Se já constatamos anteriormente que a projeção do negro como artista e sujeito de sua história nas artes são escassas, quando observamos o lugar das mulheres a problemática torna-se ainda maior. Ao observar a história da arte afro-brasileira percebemos a recorrência de obras de artistas homens.⁸

E as mulheres negras? Quem foram, quem são, o que produziram, o que produzem e onde estão?

Nos encontros destinados a formação de professores e educadores, diagnosticamos constantemente a reprodução de estereótipos racistas e machistas, no que tange a representação do negro e no caso das mulheres negras na arte. É difícil vermos mulheres negras como artistas e protagonistas de suas histórias nas artes plásticas e visuais brasileira, no entanto, a representação das mesmas nos é apresentada de forma estereotipada, seguindo conceitos que partem de uma arte que observa a população como o objeto de estudo em suas obras de arte, tirando a dimensão de humanidade de sua história.

A presença das mulheres negras na arte brasileira

Acreditamos ser problemático falar sobre arte afro-brasileira e africana, sem situar o papel de mulheres negras nas artes visuais⁹. Percebemos que este papel só será devidamente valorizado ao trazer essas artistas também como referências de arte. Muitas artistas negras acadêmicas e não acadêmicas, são muitas vezes negligenciadas pelas temáticas escolhidas em suas poéticas, pelos suportes e materiais cos-

tumeiramente associado ao “*universo feminino*”¹⁰. Sendo a arte educação uma possibilidade de repensar esses conceitos e lugares de estereótipos e deslegitimação.

Vale retomar que os professores quando questionados sobre quais pintoras, escultoras, ceramistas entre outras artistas eles conheciam, era o silêncio que prevalecia. Mesmo quando apresentávamos as obras como: naturezas mortas de Yêda Maria, as pinturas de Djanira, Raquel Trindade, as cerâmicas de Isabel Mendes de Ana das Carrancas, as instalações de Rosana Paulino e Sônia Gomes os bordados de Madalena Reinbold¹¹, entre tantas outras, eles não tinham conhecimento. Portanto, reforçamos a importância de dar destaque a estas artistas que muitas vezes ganham projeções internacionais sem ter o reconhecimento interno de suas contribuições às artes brasileiras

A importância de se evidenciar o papel das mulheres negras nas artes visuais brasileira é mais do que urgente, segundo Rodrigues e Botelho, 2011 faz se necessário:

Acreditar na possibilidade que existiram variadas produções artísticas de mulheres negras e sua contribuição é ir contra a uma história hegemônica e única ao se criar registros dessas produções se torna atitude de resistência por interferir e modificar o percurso da história da arte. (RODRIGUES & BOTELHO, 2011)¹²

Considerações Finais

Pensar na condição das mulheres é pensar na luta e resistência também por meio de movimentos sociais. Quando as lutas são deslegitimadas há um processo, no qual a pesquisadora Sueli Carneiro denomina como epistemicídio, desvalorização e ocultamento da contribuição de homens e mulheres negro(a)s como produtoras de saberes e conhecimento. Para finalizar enfatizamos que não pretendemos aqui apontar para o ensino de Arte como único responsável a atender a todas essas demandas, pois compreendemos que a *Arte Contemporânea* “[...] não é mais tida como parte da solução, mas sim como parte do problema, mesmo estando imbuída de toda uma bagagem ideológica da história, seja burguesa, racista ou patriarcal (p.84)]¹³ (CHANDA in. BARBOSA, 2008, p. 64).

O fato de ainda hoje não vemos efetivamente artistas negras integrando o corpo de artistas nos museus e galerias não significa que elas não produzam, na verdade elas

sempre produziram, o que não tivemos foi uma crítica, uma historiografia e pesquisas efetivas que valorizasse suas produções que em grande parte¹⁴, estão fora do circuito hegemônico.

As galerias, os museus, as escolas e universidades, entre outras instituições imbricadas neste processo, também podem reproduzir valores etnocêntricos e hegemônicos, cabe olharmos para o processo educativo como possibilidade de questionar e tensionar o machismo e o racismo que reverbera também nas áreas artísticas, fomentando perspectivas críticas, afim de, valorizar as diversidades de gênero e étnicorraciais.

Relatamos neste trabalho uma parte do processo de nossas experiências e inquietações em nossa ação educativa, que está em andamento nos debates, formações e encontros que construímos cotidianamente com os professores, alunos e demais públicos do museu. No entanto, são questões que extrapolam o nosso vínculo com a instituições, são questões de toda a sociedade brasileira.

Notas

¹ O Museu Afro Brasil é uma instituição pública, subordinada à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e administrado pela Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura e tem como um dos objetivos, promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional. Sua missão é ser instituição de referência em ações museais, unindo História, Memória, Arte e Contemporaneidade voltadas, prioritariamente, à cultura brasileira, africana e afro-brasileira. Disponível em <http://www.museuafrobrasil.org.br> Acessado em 24/05/15.

² MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 4a. ed. Porto Alegre, RS : Mercado Aberto, 1988.

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acessado em 29/03/15

⁴ GONZALEZ, Lélia. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.

⁵ Disponível em: http://www.ceert.org.br/programas/educacao/lei10639/planonacional_106391-1.pdf Acessado em 29/05/15 às 13:13.

⁶ Atividade em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

⁷ BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: Anos 1980 e os novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

⁸ Mesmo com a maior ênfase aos homens negros nas artes, esclarecemos que estes também são negligenciados na historiografia da arte brasileira. Geralmente encontramos os artistas: Antonio Fracisco Lisboa, Manuel da Costa Ataíde, Valentim da Fonseca e Silva, Inácio Ferreira Pinto, Arthur Timóteo da Costa, João Timóteo da

Costa, Estevão Silva, Benedito José Tobias, entre tantos artistas presente no acervo do museu, nos catálogos e nos sites de pesquisa em artes visuais.

⁹ Ao longo da história da arte brasileira, as representações da mulher negra foi colocado como corpo-objeto, em os estudos etnográficos de Albert Eckout, Debret, Rugendas, nos cartões de visitas do século XIX, e posteriormente, no modernismo com a intenção de construir uma identidade nacional a figura da “negra” é apresentada de maneira recorrente por diversos artistas, entre eles Di Cavalcanti e Lasar Segall.

¹⁰ Simioni, Ana Paula C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. Revista Proa, nº02, vol.01, 2010. <<http://www.ifch.unicamp.br/proa>>>

¹¹ As obras destas artistas fazem parte do acervo de longa duração e de algumas exposições temporária no Museu Afro Brasil.

¹² Disponível em: <https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/producao-da-arte-contemporanea-brasileira-e-as-artistas-plasticas-rosana-paulino-e-yc3aadamaria.pdf>> Acessado em 25/05/15 às 16:43.

¹³ BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

¹⁴ Exceções Yeda Maria, Rosana Paulino e Sônia Gomes. Artistas estas mais presentes nos circuitos nacionais e internacionais. Vide a presença de Sônia Gomes na Bienal de Veneza de 2015.

Referências

ARAÚJO, Emannel (Org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. / Museu Afro Brasil, 2010.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/arte, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e os novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana M. T. B. e Coutinho, Rejane G. (Orgs.). *Arte educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

D’Avila, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. - São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 173p. ilustr. (O Mundo, hoje, v. 22)

FUNARI, Regina M. Lintz. *O ensino de arte no Brasil em busca das suas raízes africanas*. Dissertação Mestrado ECA USP, 1993

-
- FUNARI, Regina M. Lintz. *Valorização Da Cultura Negro-Africana No Ensino De Arte: Análise de currículo das Faculdades de Arte no Brasil em busca das raízes culturais africanas* V.1 E V.2 ECA USP São Paulo 2001
- GOMES, Ana B. Souza e CUNHA Júnior, Henrique (Org.) *Educação e afrodescendência no Brasil*. Fortaleza: edições UFC, 2008.
- GONÇALVES, Luís Carlos & SILVA, Petronilha B. Gonçalves. *Movimento negro e educação*. Revista Brasileira de Educação Set/Out/Nov/Dez 2000 nº 15 Mimeo, 2000.
- GONZALEZ, Lélia. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.
- _____. Nanny. *Humanidades*. Brasília, (17): 23-25,[s.i].
- _____. *Mulher Negra. Mulherio*. São Paulo, ano 1, n. 3, 1981.
- _____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. São Paulo, ANPOCS, pp. 223-244.1983.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; trad. Adelaide La Guardi Resende Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013
- Leite, Jose Roberto Teixeira. *Pintores negros do oitocentos*. São Paulo : MWM Motores Diesel : Industria Freios KNORR, 1988
- LIMA, Dulcilei da Conceição. *Desvendando Luíza Mahin: um mito libertário no cerne do feminismo negro*. Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.
- Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo (Org). *Cultura Brasileira: o jeito de ser e de viver de um povo (Bueno, André Paula. Cultura Popular:brincadeiras, danças dramáticas e o peso da mão afrobrasileira)*.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 4a. ed. Porto Alegre, RS : Mercado Aberto, 1988.
- Munanga, kabengele. *Negritude Usos e sentidos*. Belo Horizonte Autêntica 2009.
- PINTO, Regina Pahim. *Movimento Negro e Educação do Negro: a ênfase na identidade*. In: Cadernos de Pesquisa, n^o 86, São Paulo. Agosto 1993, p. 25-38
- MASON, Rachel. *Por uma arte-educação multicultural*. Trad. de Rosana Horio Monteiro ; revisão técnica Ivone Mendes Richter. Campinas, SP : Mercado de Letras,2001.

Ratts, Alex. *Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza 2007.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. Selo Negro. 2010.

_____. *Os lugares da gente negra: temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez*. In: SANTOS, Renato Emerson dos(org). *QUESTÕES URBANAS E RACISMO*. 1ed. Petrópolis: ABPN, 2012. 400 p.p 216-243.

Santana, Jair. *A lei 10.639/03 e o ensino de artes nas séries iniciais: políticas afirmativas e folclorização racista* / Jair Santana. – Curitiba, 2010.

SANTOS, Dos Renata A. Felinto. *Culturas africanas e afrobrasileiras em sala de aula: Saberes para professores e fazeres para alunos*. Belo Horizonte, MG. 2012 Ed. Fino Traço.

Santos, Renata Aparecida Felinto dos. *A escravidão africana na arte contemporânea brasileira: um olhar sobre quatro artistas* /Renata Aparecida Felinto dos Santos. São Paulo : [s.n.], 2004

SANTOS, Dos Renata A. Felinto. *Re-existindo*. São Paulo. 1998 UNESP.

Silva, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: Diferença e identidade o currículo multiculturalista*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Souza, Dilma de Melo e. *Arte Africana e Afro-brasileira*. São Paulo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte 2007.

Zanini, Walter. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983. 2 v. : il.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo*. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/24/14>>. Acesso em Março-Junho.2014.

Juliana Oliveira Gonçalves dos Santos

Mestranda em arte/educação junto à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) é educadora no Museu Afro Brasil. Foi colaboradora no Cursinho Pré Vestibular do Instituto de Artes da Unesp (Prévia) no ano de 2011. Co-coordenadora do NEPAFRO (Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Americanos), sua pesquisa está focada em arte e cultura afro-brasileira na formação docente a partir da Lei 10.639/03. Atualmente desenvolve trabalhos artísticos e oficinas nas linguagens de pintura, gravura e fotografia. Participou dos grupos de pesquisas em danças populares brasileiras Baque Bolado e Balé Folclórico de São Paulo como dançarina e atua como integrante da Charanga (bateria) do Afoxé Ilê Omo Dada.

Mirella dos Santos Maria

Graduanda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), articuladora e educadora no coletivo Achadouros de Histórias,

voltado para mediação/contação de histórias e oficinas de artes visuais na biblioteca comunitária Brechoteca Jd Rebouças e educadora no Museu Afro Brasil. É co-coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Americanos (NEPAFRO). Participou da construção de um mural para o projeto "Nossa África" - ,em parceria com a artista plástica norte americana Channel Compton em 2011 no Museu Afro Brasil. Trabalhou no Sesc Belenzinho na área de Programação Cultural para Artes Visuais. Organizou em 2011 o Sarau Literário da Esquina, em Diadema. Atualmente desenvolve pesquisa sobre literatura marginal, saraus, arte e cultura afro brasileira.